

Um estilo jesuítico de escrita da história: notas sobre estilo e história na historiografia jesuítica*

A Jesuit style of writing history: notes on style and history in Jesuit historiography

Paulo Rogério Melo de Oliveira

Professor adjunto
Universidade do Vale do Itajaí
paulo_rmo@hotmail.com
Rua Belizário Berto da Silveira, 226 - Saco dos Limões
88045-220 - Florianópolis - SC
Brasil

Resumo

A Companhia de Jesus manifestou desde sua fundação um vivo interesse pela história. O número de historiadores dedicados ao estudo e preservação da memória escrita e do passado da instituição é notável. Apesar das diferenças e das épocas distintas em que viveram e escreveram, são perfeitamente identificáveis semelhanças narrativas entre os historiadores da Companhia e que definem um estilo jesuítico de escrita da história. Este artigo propõe uma abordagem da historiografia jesuítica, aqui representada pelo historiador argentino José María Blanco, com o intuito de identificar alguns traços do estilo dos historiadores inicianos.

Palavras-chave

Historiografia; Estilo; Historiografia jesuítica.

Abstract

The Society of Jesus from its foundation has expressed a keen interest in history. The number of historians devoted to studying and preserving the memory of the past and writing of the institution is remarkable. Despite the differences and the different eras in which they lived and wrote, is perfectly identifiable similarities between the narratives that historians of the Company define a Jesuit style of writing history. This article proposes an approach of Jesuit historiography, represented here by Argentine historian José María Blanco, in order to identify some features of Ignatian style of historians.

Keywords

Historiography; Style; Jesuit historiography.

266

Enviado em: 20/1/2011
Aprovado em: 1/8/2011

* Embora seja possível estender as análises a outros contextos historiográficos jesuíticos, minha atenção está mais voltada para a historiografia jesuítica referente às reduções do Paraguai.

Desde a fundação de sua ordem, os jesuítas dedicaram-se à conservação dos registros escritos relacionados à sua instituição e às suas atividades missionárias pelo mundo. A produção de documentos da instituição é monumental, tanto no aspecto da colossal emissão de papéis escritos, quanto na intencionalidade do que foi produzido. Desde os tempos de Loyola, sempre houve o cuidado de cultivar um legado exemplar a ser transmitido às futuras gerações. Os próprios jesuítas, a começar pelo fundador da ordem, espelharam-se nos escritos dos santos e padres da igreja conservados através dos séculos. Os exemplos do passado e a memória escrita da igreja estimularam o desejo de deixar algo edificante, digno de ser lembrado no futuro. Inácio de Loyola, claramente preocupado com a imagem que a Companhia deixaria à posteridade, lembrava ao padre Fabro da importância a ser dada ao que era escrito e como era escrito, pois “a escrita fica e dá testemunho”.¹

O esforço de preservação do vasto conjunto documental, conservado em arquivos e publicado parcialmente em diversas coleções,² nos dá uma boa ideia do seu valor patrimonial, institucional e histórico para a Companhia, pois o que está em jogo são a memória e a identidade da ordem. Além da conservação em arquivos da própria Companhia espalhados pelo mundo, as fontes jesuíticas foram publicadas em inúmeros trabalhos arquivísticos. As publicações dos “*Monumenta Jesuítica*”, iniciado em Madri no final do século XIX, o periódico “*Archivum historicum*” publicado desde 1932, os “*Documentos para la historia Argentina*”, publicado entre 1927 e 1929, os “*Monumenta peruana*”, são alguns exemplos deste espírito de preservação da memória escrita.

Esta preocupação com o passado, ou com a memória da instituição, fica evidente com o espaço privilegiado que a história, desde então, ocupa na Companhia. O número de historiadores jesuítas empenhados em reconstituir o seu passado, a partir do seu próprio legado documental, é realmente impressionante. Se nos detivermos apenas nos padres historiadores que se dedicaram à rememoração da obra missionária jesuítica na Província do Paraguai, veremos a importância que atribuem à história enquanto possibilidade de fixação de uma visão sobre o passado.

A abundância de relatos escritos, aliada à consciência histórica da Companhia, possibilitou o desenvolvimento de uma prodigiosa historiografia jesuítica empenhada em rememorar os “feitos notáveis” e a obra “grandiosa” de conversão nos quatro cantos do mundo. O batalhão de historiadores inicianos, “soldados” letrados intermediários entre o tempo humano e o tempo de Deus, dedica-se desde o século XVII ao estudo da obra missionária da Companhia a partir de uma perspectiva institucional. Os companheiros de Jesus rendiam-se aos domínios da musa do paganismo clássico.

¹ Carta de Inácio de Loyola ao padre Pedro Fabro, de dezembro de 1542 (CARDOSO 1993, p. 29).

² A Companhia alimenta um arquivo central da ordem em Roma – o “*Arquívum Romanum Societatis Iesu*” – e diversos outros em vários países. As coleções também são numerosas. Citamos como exemplo a “*Colección Pastells*”, que reúne 164 volumes de cópias manuscritas e 154 volumes de resumos de documentos.

A despeito das diferenças entre os historiadores, a escrita histórica jesuítica apresenta alguns traços em comum que conferem certa unidade à produção histórica da Companhia. Apesar de escreverem em épocas diferentes, e motivados por circunstâncias diferentes, os historiadores jesuítas constituem uma espécie de linhagem. Ligados por laços institucionais e devocionais a um passado em comum, cultivam uma reverência pela memória escrita e pelos santos e heróis da Companhia. Resulta disso uma historiografia autolegitimadora e autorreferente, que combina a pesquisa histórica com a narrativa hagiográfica. Identificamos o impulso oficial da produção historiográfica jesuítica no generalato de Cláudio Aquaviva, que recomendou, de uma maneira geral, a redação das histórias das províncias e colégios da Companhia. Aquaviva, que governou a Companhia de 1581 a 1615, não só incentivou a produção de sínteses históricas sobre as Províncias como indicou os temas e a forma de organização dos relatos históricos. Em setembro de 1598, enviou às diferentes Províncias jesuíticas uma missiva com diversas orientações para a elaboração de uma história geral da Companhia. Essas orientações/instruções teriam uma enorme influência sobre a produção historiográfica jesuítica. Seu generalato foi caracterizado por uma ampla reforma e meticulosa administração da instituição, e o projeto historiográfico que idealizou é bom exemplo disso (BOJORGE 2008; CERTEAU 2007). Foi nesse período que as cartas anuais começaram a ser publicadas. O desejo manifesto do padre Geral de ver uma "composición integra y contínua" da história da Companhia "desde sus orígenes" era motivado por uma dívida da instituição para com os seus membros. Era necessário reconhecer as virtudes dos seus maiores vultos e oferecer com os relatos de suas vidas um bom exemplo a "los venideros". Dos motivos que presidem a elaboração dos relatos históricos, Aquaviva parte para as instruções. Solicita aos provinciais que informem os acontecimentos mais relevantes de suas províncias, que servirão de "matéria" para a história geral. Recomenda que a narrativa deveria obedecer a uma ordem, começando pelos fatos mais antigos e terminando com os mais recentes. Orienta também que recorressem aos arquivos e às pessoas confiáveis, e que dessem maior atenção aos "asuntos antiquísimos y grandes". Tudo deveria ser "ratificado y confirmado", respeitando "lugares, tiempos y personas" (BOJORGE 2008, p. 5). Em seguida, Aquaviva propõe um conjunto de temas, divididos em três blocos. O primeiro diz respeito às atividades dos jesuítas, como as fundações e os progressos dos colégios e casas, os nomes dos fundadores e as respostas que as cidades davam à presença dos jesuítas. O segundo conjunto de temas seria dos sucessos "prósperos y adversos" da Companhia. O terceiro deveria abordar as virtudes e grandes gestos dos jesuítas mortos, com destaque para a vida santa que cultivaram. Estas orientações e indicações temáticas serviram de norte para a produção historiográfica dos jesuítas. Ao instruir os provinciais sobre os temas merecedores de figurar nos registros históricos, Aquaviva definia os contornos da imagem da Companhia que gostaria de deixar para a posteridade.

Voltada para si própria, a historiografia jesuítica é celebrativa. Em grande parte, as obras históricas foram concebidas e escritas em momentos comemorativos para a Companhia. Nesses momentos o espírito de certo passado retorna, pelas mãos dos historiadores educados por santo Inácio, para exorcizar e/ou glorificar o presente. Comemorar é um movimento de retorno ao passado para trazê-lo à memória. É relembrar com, é tornar presente, ou reatualizar algum evento significativo que se deseja preservar. Mas como o presente não é fixo, e suas demandas se renovam, os eventos do passado são sempre recriados a cada comemoração. Estas ocasiões são marcadas por festividades, solenidades públicas, demonstrações de fé, seminários, e pela publicação de obras literárias, historiográficas e hagiográficas. Produz-se, em tempos de comemoração, um conhecimento sobre o passado para fins de consumo coletivo. O tricentenário da morte de Roque González, o centenário de restauração da Companhia ou o tricentenário das invasões bandeirantes nas reduções do Paraguai foram eventos comemorativos marcantes para os jesuítas. Voltar-se ao passado em ocasiões como estas é apossar-se da memória do que passou e imprimir-lhe um sentido de acordo com as expectativas do presente, daqueles que comemoram. É decidir sobre o que vai ser lembrado e como vai ser lembrado. A contrapartida, intencional ou não, desta lembrança seletiva do passado é o esquecimento.

269

Este caráter celebrativo e apologético da historiografia jesuítica tem a ver, em parte, com a conturbada trajetória da ordem. A Companhia de Jesus, desde os primeiros anos de fundação, foi marcada por polêmicas ruidosas e acusações públicas que deflagraram uma guerra de trincheiras inexpugnáveis. Os talentos da Companhia para a conquista e conversão foram proporcionais à sua capacidade de envolver-se em polêmicas e de conquistar inimigos pelo mundo afora. Sintomático de uma instituição que quis abraçar o mundo e reduzi-lo à sua fé, e fazer do mundo a sua vinha.

Os jesuítas encontraram na história um eficiente meio de defender-se dos ataques dos seus adversários. Travam-se, nos domínios da história, verdadeiras batalhas sobre o passado. Batalhas em que o que está em jogo é o domínio do passado, ou melhor, o poder de imprimir uma visão do passado no presente. Os soldados de Cristo empunham a escrita da história como arma contra uma extensa legião de inimigos notórios que ao longo de cinco séculos lhes devotam decidida oposição. Voltaram-se para o passado em busca dos exemplos de virtude e santidade dos seus pares e da obra grandiosa da Companhia no mundo. Este uso da história como panegírico dos seus próprios heróis é reveladora da postura defensiva assumida pela Companhia em momentos em que a sua legitimidade institucional foi atacada. Comemorar, nestas circunstâncias, é erguer um memorial em defesa própria.

No século XX, já a certa distância das grandes polêmicas, eles não conseguiram livrar-se dos juízos poderosos emitidos no passado por John Donne, Blaise Pascal ou Félix de Azara. Os juízos destes renomados adversários foram tão contundentes que arranharam profundamente a imagem da Companhia. Daí a necessidade de explicar-se a cada obra publicada e de transformar as datas significativas em momentos de reconstrução da imagem. Por outro lado,

estas polêmicas parecem alimentar o ânimo e renovar a disposição dos historiadores para as batalhas pelo passado. O empenho em restabelecer a verdade definitiva empurrou-os incansavelmente para os arquivos, fontes inesgotáveis de munição contra o fogo inimigo. Em grande parte, a historiografia jesuítica é voltada para a restauração. A imagem riscada, a legitimidade sempre ameaçada e o passado julgado, e muitas vezes condenado, encontrou nos historiadores, ou na história, um campo de legitimidade para o desagravo das injúrias do passado e a restauração da verdade.

Em épocas de crises políticas que abalam o presente, em ocasiões celebrativas ou em momentos inaugurais, certas referências do passado são (re)ativadas. Passado e presente são então ligados pelos fios de um discurso atemporal, axiomático, que amarra os tempos numa cadeia eletiva de acontecimentos. A Companhia, abalada de tempos em tempos por “crises de legitimidade”, encontrou no seu próprio passado um verdadeiro rosário com enfiadas de heroísmos, milagres, martírios e exemplos de devoção que, habilmente desfiado, vem em socorro do presente para salvaguardar a honra e a preservação da instituição.³

Clóvis Lugon, ao fazer um breve balanço das obras referentes às missões do Paraguai, denunciou sem reservas este espírito corporativo e defensivo dos historiadores jesuítas. Pablo Hernandez, por exemplo, que teve à sua disposição e publicou centenas de documentos inéditos, e “teria tido em mãos, melhor do que ninguém, os elementos de uma apresentação objetiva, não renova o debate”. A posição de Hernandez é pessoal, “puramente defensiva e apologética”. Os guarani, protesta Lugon, são esquecidos. A obra de Hernandez é inteiramente dedicada à Companhia de Jesus. “Comparsas mudos” da obra dos jesuítas, os guarani entram em cena apenas para depor em favor da instituição atacada. Esta postura defensiva era aceitável nos séculos XVII e XVIII, quando a “República Guarani” encontrava-se em “perigo”. A “cortina de proteção” que os padres criaram em torno das missões visava à proteção dos índios contra os “inimigos mortais da liberdade”. Coisa bem diferente é manter esta “cortina de proteção” em pleno século XX. Hernandez, na avaliação de Lugon, reedita, “*ipsis verbis*, as argumentações e refutações dos jesuítas da época contra as acusações e calúnias dos coloniais escravocratas” (LUGON 1968, p. 13-14). A crítica de Lugon aos historiadores jesuítas que o precederam é um bom ponto de partida para analisarmos a escrita da história jesuítica.

Talvez resida no caráter defensivo da historiografia da Companhia a possibilidade de apreender um estilo jesuítico de escrita da história. A história foi utilizada pelos inacianos, em parte, como uma necessidade de defesa da

³ Raoul Girardet nos ajuda a pensar os usos do passado em defesa do presente. A expressão “crise de legitimidade” foi proposta por Girardet para caracterizar os momentos adversos que podem abalar um governo, uma instituição etc. Nestes momentos, “não há grupo político que não ache sempre necessário, quando se trata de afirmar sua legitimidade ou de garantir sua continuidade, apelar para o exemplo e para as lições de certo número de ‘grandes ancestrais’ sacralizados pela lenda. É em nome da fidelidade às mensagens que eles ditaram, da conformidade aos princípios que estabeleceram ou às instituições que fundaram que se pretende corresponder às interpelações e aos desafios do presente” (GIRARDET 1987, p. 78).

instituição e de suas obras. A “Historia del Paraguay” do padre Charlevoix não deixa dúvidas a este respeito. O jesuíta francês “se puso a escribir la Historia Del Paraguay con decidido empeno de esclarecer la verdad, tan obsecurecida en aquella época por interesadas calumnias y monstruosas fábulas” [...].⁴ Esta postura, em grande medida, determinou a reconstrução do passado num estilo que chamarei de heroico e triunfante. Em todos eles, com diferentes ênfases, repete-se a mesma fórmula: os trabalhos heroicos dos missionários, a vitória sobre os feiticeiros e os costumes indígenas, sobre as dificuldades e os exemplos admiráveis de virtude, tornaram possível o triunfo da fé e da civilização sobre a selvageria e a gentildade.⁵

O estilo dos historiadores nos permite uma maior aproximação do seu ofício, pois o estilo diz respeito às formas como comunicam os resultados das suas pesquisas.⁶ Os historiadores jesuítas não são meros colecionadores de fatos depurados dos documentos, que sustentam uma duvidosa objetividade. Percebe-se, de uma maneira geral, ao lado da busca pela exatidão dos fatos, um grande apreço e cuidado com a narrativa.⁷ O lugar de onde escrevem, e os laços indissociáveis da instituição com a escrita como forma de comunicação e edificação, e as circunstâncias que os levaram a escrever, exigiram dos historiadores uma maneira singular de expressar suas verdades históricas, num tom dramático, heroico, com abundância de metáforas e descrições de forte apelo poético e visual.

271

José María Blanco: a história a serviço da santificação

Para uma breve análise do estilo jesuítico, tomemos como exemplo o padre jesuíta argentino José María Blanco, e a sua “Historia Documentada”,⁸ escrita em celebração ao tricentenário do “martírio” do missionário Roque González de Santa Cruz. Padre Roque foi morto em 1928 na redução de Caaró, a mando do pajé e cacique Ñezú. No ano seguinte foi instaurado o processo em prol de sua canonização. Passados trezentos anos, o processo ainda se arrastava em Roma, por conta do extravio da documentação. Às vésperas do tricentenário de sua morte, os documentos do processo foram encontrados na biblioteca de Buenos Aires e os esforços visando à santificação foram retomados. Padre

⁴ Ver Advertência à edição espanhola de 1910 (CHARLEVOIX 1910, p. 8-9).

⁵ Poderia dizer que o estilo jesuítico é edificante, como o fez Charlotte L’Estoile em relação aos relatos dos padres dos tempos coloniais. A historiografia jesuítica tem, quase sempre, um propósito edificante, especialmente as hagiografias, mas prefiro manter esta característica da escrita para os relatos dos missionários. Para a historiografia, que toma os relatos edificantes como fontes para as suas narrativas, prefiro utilizar os adjetivos heroificador e triunfante, ou ainda apologético, para caracterizar um estilo. Todavia, esta opção não anula a outra. É apenas uma forma de distinguir os relatos dos missionários da historiografia. O estilo jesuítico de escrita da história é *também* edificante (CASTELNAU-L’ESTOILE 2006).

⁶ Este breve ensaio sobre o estilo jesuítico da escrita da história é inspirado no belíssimo estudo que Peter Gay fez do estilo de composição dos textos históricos de Gibbon, Ranke, Macaulay e Burckhardt (GAY 1990, p. 28).

⁷ Devemos aos estudos linguísticos e à crítica literária, e muito particularmente a Hayden White, o exame crítico das implicações literárias no texto do historiador. As investidas de Hayden White nos domínios da história, expondo as estruturas tropológicas e meta-históricas na escrita da história, contribuíram decisivamente para uma virada linguística entre os historiadores (WHITE 1995; LACAPRA 1985).

⁸ A obra foi publicada em Buenos Aires em 1929.

Blanco foi um dos mais entusiastas defensores da causa. Era membro da "comición de festejos" do tricentenário, presenciou a abertura da caixa que trazia de Roma o "venerável" coração de Roque González⁹ e participou destacadamente das "festas tricentenárias" em honra e homenagem ao candidato a santo, iniciadas em 1928. Os festejos tinham uma dupla finalidade:

el de tributar un homenaje al primer americano que consagro su vida a la evangelización y civilización cristiana de los aborígenes de las cuencas del Plata, y el dar a conocer los heroísmos de virtud que los mártires practicaron hasta el derramamiento de su sangre [...] (BLANCO 1929, p. 315).

A "Historia Documentada" caminhava na mesma direção. Foi concebida como uma espécie de atestado de veracidade histórica do passado evocado. Blanco, com a autoridade do historiador, convocava os contemporâneos do "martírio" que conviveram com o padre Roque e testemunharam a sua vida heroica de missionário, a morte gloriosa a serviço da salvação das almas e os episódios miraculosos do coração que sobrevivera às chamas. Todo um repertório admirável da vida, da obra e da morte de Roque González, cuidadosamente selecionado da abundante documentação, era reeditado numa narrativa tipicamente hagiográfica, que justificava reclamar sua beatificação. Rômulo D. Carbia, cumprindo a tarefa de apresentá-la ao público, dizia no Prólogo que o livro era dirigido "primordialmente a justificar la aspiración de las repúblicas del Plata, a que el Padre Roque González de Santa Cruz y sus compañeros martirizados por la Fé, asciendan a la glorificación del altar". Depois de enfatizar a "fria imparcialidad, a serenidade científica e o objetivo cierto" do autor "de la exposición de la verdad", Carbia finaliza manifestando o desejo de que o livro torne-se "la piedra angular para el Proceso Canónico"(BLANCO 1929, p. 7-9).¹⁰

Na nota introdutória, Blanco louva a abundante documentação, salienta sua veracidade e anuncia a forma como vai tratá-la:

Gracias a una abundante documentación, que nos abre los secretos de la Historia del más grande de los organizadores de las Misiones del Paraguay, hemos puesto manos a la obra, con la seguridad de poder perfilar su figura de héroe. No será para ello necesario echar mano de magnificencias de estilo, ni siquiera para trazar el fondo verdaderamente legendario sobre

⁹ De acordo com as narrativas jesuíticas, o coração do padre Roque González foi arrancado do peito, flechado e queimado. Apesar de tudo isso, o coração sobreviveu às chamas e se manteve incorruptível. O coração foi enviado a Roma e retornou ao Paraguai em 1928. Hoje a "reliquia" encontra-se na Igreja Cristo-Rei, em Assunção (RABUSKE 1978).

¹⁰ Rômulo Carbia, historiador argentino da primeira metade do século XX. A participação intensa do padre Blanco na celebração do tricentenário e o seu empenho e comprometimento na causa da beatificação de Roque González, isso sem falar na sua identidade jesuíta, tornam muito difícil de sustentar a sua objetividade e serenidade científica. Blanco foi também signatário de uma ata de 1928 de abertura do relicário onde estava depositado o coração de Roque González: "Antes de cerrar el relicario, el Padre Blanco tocó al corazón três rosários, y el doctor Vaccarezza com uma tarjeta suya las partículas desprendidas que se guardaron en un tubo de ensayo, partindo después la tarjeta con que las había recojido en cuatro partes, que repartió entre sus colegas" (Blanco 1929, p. 304). Convém observar que este tipo de postura, de assumir uma neutralidade científica diante do objeto de estudo, era recorrente entre os historiadores das primeiras décadas do século XX. Havia a crença na possibilidade de separação do sujeito do conhecimento (o jesuíta comprometido com a causa da beatificação) e o objeto de estudo (a vida e a morte do padre Roque). A declaração de isenção era quase protocolar, sobretudo para um jesuíta historiador escrevendo sobre a Companhia de Jesus e os seus "heróis".

que se proyecten en toda su magnitud los acontecimientos. Nos bastará ir ordenando los dichos de los actores y de los testigos presenciales inmediatos, para que descuelle la persona por sí misma con la sencillez homérica de quien narra los propios heroísmos, como si se tratara de cosas ordinarias. Y ese es el criterio que nos guía en estas páginas, en las cuales la originalidad ha de consistir en que el historiador hable lo menos posible, dejando la palabra a los que conocieron intuitivamente las cosas. (BLANCO 1929, p. 11).

273

A postura metodológica de José Maria Blanco de falar o menos possível e deixar que os testemunhos tomem a fala, bem entendida, fundamenta-se na sua visão de história e na percepção das fontes jesuíticas. Contemporânea aos acontecimentos, a documentação produzida pelos jesuítas contém a história em si, não sendo necessária uma intervenção mais incisiva do pesquisador. Ao historiador, que não presenciou os acontecimentos, caberá o papel de encontrar os documentos e ordená-los numa sequência cronológica para que a história deles se revele. Este caráter insuspeito atribuído aos documentos produzidos pelos padres, recorrente na historiografia jesuítica, parece ser tributário de certo “espírito positivista” do século XIX (LE GOFF 1984, p. 96). Em conformidade com este “espírito”, os documentos, ou testemunhos escritos, alcançaram o estatuto de prova histórica. Como boa parte dos historiadores do início do século XX, padre Blanco era tributário desta devoção pelo documento, e da crença na sua objetividade. A sua “Historia Documentada”, poderíamos dizer comprovada e atestada, é exemplar do modelo de historiador que entende que “os documentos se impõem por si próprios”.¹¹ Blanco utiliza os documentos jesuíticos como prova/testemunho da verdade histórica por ele revelada. Em nenhum momento questiona o documento, interroga-o sobre suas intenções ou suas condições de produção.

A volumosa obra de quase 750 páginas poderia facilmente escorregar para uma monótona apologia descritiva e rigorosamente científica da vida do padre Roque. Mas os artifícios narrativos do padre historiador preenchem a obra com um colorido e uma vivacidade literária. Embora Blanco declare não ser “necesario echar mano de magnificencias de estilo, ni siquiera para trazar el fondo verdaderamente legendario”, ele revela-se um mestre do estilo. E ele não foi o único a supostamente descurar o estilo. Antonio Astrain, como vimos, foi mais longe ao censurar os exageros estilísticos de Lozano, mais próprios da retórica do que da história (ASTRAIN 1902-1909, p. XXI-XXII). A recusa do recurso estilístico tem como contrapartida a afirmação da cientificidade e exatidão da obra. Esta postura parece sugerir que para estes historiadores os elementos estilísticos, próprios da literatura, não eram compatíveis com a história científica e serena que pretendiam apresentar. Ao introduzir elementos estilísticos externos ao conteúdo dos documentos, os historiadores comprometiam a veracidade

¹¹ Le Goff observou que, no século XIX e início do século XX, o documento, para a escola histórica positivista, “será o fundamento do facto histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador.” Verificada a autenticidade do documento, ele converte-se em prova histórica (LE GOFF 1984, p. 95-96).

dos seus relatos. Faz parte, portanto, do estilo jesuítico negar o estilo. Esta ideia de conter os impulsos estilísticos para sobressair o que realmente importava já estava presente na correspondência normativa de Inácio de Loyola. Numa carta de 1555, endereçada a Roberto Claysson, Loyola repreendeu os arroubos estilísticos e o esmero demasiado do padre com a linguagem. O estilo jesuítico deveria perseguir a simplicidade e a gravidade e não se perder em palavras "inchadas de orgulho" (PÉCORA 1999, p. 384-385).

Blanco inicia a narrativa com um parágrafo repleto de poderosas imagens, encabeçado pela figura grandiosa de Roque González. "La vida del Padre Roque González", que nasce entre "el estruendo de las armas, y crece entre las faenas de los índios, y sobe das gradas del altar con el perfume de su pureza, que entra a formar parte de las milicias de Cristo para consagrar-se por entero a la salvación de las almas", exige do historiador uma apresentação dos acontecimentos dispostos pela "divina Providencia" para preparar "el momento histórico en que venía a desarrollarse". Determinado e predestinado, Roque González "remonta los rios caudalosos, y cruza las selvas enmarañadas, y penetra en las chozas de los índios para llevarles con la luz de la fé las divinas esperanzas de sus eternos destinos". Destemido, "desprecia los peligros de la vida, y llega hasta el derramamiento de su sangre. Las caudalosas aguas del Paraguay, del Paraná y del Uruguay", prossegue Blanco, "continuamente surcadas por veloces canoas tripuladas por hombres semidesnudos, armados de arcos y flechas e 'itaizás', ocultavam nos bosques impenetráveis "que sombreaban sus ribeiras" uma multidão de gentes incultas. Vivendo em aldeias miseráveis, sustentavam-se da agricultura, da caça e da pesca "o de los despojos sangrientos de la guerra, que era el médio habitual de resolver sus querelas o sus hambres" (BLANCO 1929, p. 17).

As poderosas metáforas empregadas pelo historiador são acréscimos subjetivos e poéticos para que os leitores possam dimensionar os incríveis desafios e terríveis perigos que Roque González enfrentou para levar o evangelho aos indígenas. A fixação de um cenário adverso e repleto de desafios já denota o valor do homem que vai dominá-lo. A figura do missionário se agiganta e extrapola os frágeis contornos do seu mundo. Roque é maior que o tempo que o acolheu.

O ambiente em que nasceu era desolador. A Assunção do padre Blanco é um lugar corrompido pela falta de moral e da sã religião, "fuente de la equidad y justicia". Não havia outra lei senão a sórdida ambição dos "encomienderos" e as rancorosas rebeliões dos indígenas. A mestiçagem desmedida, fruto da corrupção dos costumes, era foco de rebeldia entre os dois elementos étnicos predominantes. A cristandade vivia tempos deploráveis no Paraguai. "Tal es el cuadro de la Asunción que nos presenta la historia", conclui Blanco (BLANCO 1929, p. 33). Tal é o quadro de Assunção que nos apresenta Blanco, eu acrescentaria.

Depois de pintar um quadro terrível e moralmente desolador do Paraguai, Blanco cria uma expectativa que torna a entrada em cena do padre Roque apoteótica e providencial:

El cuadro de la conquista que acabamos de trazar, nos da una idea del estado moral de las primeras ciudades que los españoles hicieron surgir en las selvas americanas [...] la falta de la predicación de los grandes principios evangélicos, dejó desbordarse hasta los extremos de la verdadera licencia. La pureza era flor admirada, pero lo rara, y en sinnúmero de casos poco admitida (BLANCO 1929, p. 35).

Porém, prossegue Blanco, como certas flores delicadas nascem e perfumam com seus suaves aromas os ambientes mais inóspitos, a fidalguia espanhola, que trazia entrelaçada a fé cristã com a pureza de sangue, produziu flores de pureza e de heroísmo, "aun en medio de la corrupción de la sociedad en que se há visto forzada a desenvolverse". A família González de Santa Cruz, nobres pelo sangue fidalgo, "y profundamente cristianos por la solidez de los principios de la fe que animaba prácticamente su vida [...] formaron en Asunción el nido de sus amores, heredera de la sangre y de las virtudes que caracterizaron a sus padres" (BLANCO 1929, p. 35). A família que concebeu o homem que elevaria a espiritualidade do Paraguai conservara uma pureza cristã e se mantivera incólume à dissolução dos costumes que reinava a sua volta. É nesta família, "y en esa sociedad", que veio ao mundo para remédio de muitas necessidades um varão apostólico, "honra de lar raza hispana y prez de las primeras generaciones americanas" (BLANCO 1929, p. 33).

A profusão de adjetivos apologéticos e o exagero poético são evidentes.¹² Mas Blanco consegue imprimir mais agilidade e dramaticidade ao texto recorrendo a algumas metáforas. Cria cenários dinâmicos e visualmente impressionantes que são percorridos pelo varão apostólico. Os contrastes entre a pureza do ambiente familiar cristão e fidalgo onde Roque nasceu e o mundo decadente e selvagem que o envolvia, e que ele teria que enfrentar e redimir, são marcados por um eficiente jogo de oposição de adjetivos: de um lado, o lar imaculado caracterizado pela pureza, nobreza e solidez; no lado oposto, multiplicam-se adjetivos negativos que definem o entorno como caudaloso, miserável, inculto, deplorável, desesperado, sórdido e corrompido. São os recursos literários empregados pelo historiador. Os conteúdos a serem exibidos e os propósitos do historiador de contribuir para a beatificação exigem formas narrativas adequadas. A eficiência de um texto desta natureza depende muito da forma em que ele vai ser escrito. A dramaticidade e o apelo legendário do texto são

¹² Nunca é demais lembrar que, apesar do título, se trata mesmo de uma hagiografia, de uma narrativa apologética da vida do herói e candidato a santo. O propósito da obra, apesar das declarações de imparcialidade do autor, é enaltecer a figura do padre e contribuir para sua beatificação. Nestes casos, o tom apologético e os arroubos poéticos são recursos bastante empregados. Os jesuítas, e o padre Blanco em particular, uniram os dois gêneros narrativos, a hagiografia e a história, para produzir, ao mesmo tempo, um efeito de realidade, de veracidade, e outro de glorificação e devoção. Suas obras são hagiografias travestidas de história, com pretensão científica. A estrutura narrativa e a intenção são hagiográficas, mas a legitimidade é dada pela história. A história fornece os recursos de retorno ao passado, de leitura da documentação e a comprovação do que se diz; a hagiografia, por sua vez, trabalha sobre a matéria fornecida pela história para erguer um monumento ao santo.

técnicas empregadas para valorizar a ação do "mártir", comover o leitor e convencer sobre a santidade de Roque González. Blanco transita nas fronteiras entre a ciência e a arte, entre a exploração rigorosa dos documentos e os domínios poéticos de Clio. Devoto de uma história rigorosamente documentada, e seguro de que a história se revela nos documentos, ele "deixa" a palavra com aqueles que presenciaram os acontecimentos. Os testemunhos abundam, as cartas dos missionários são citadas longamente, mas as costuras, a disposição dos documentos, as conexões entre os acontecimentos e os juízos que arrematam as situações, ficam por sua conta, embora não reconheça nisso uma intervenção do historiador. O valor documental da obra é inestimável, mas as qualidades e a efetividade do texto também dependem da mão do historiador, do estilo inconfundível que ele se esforça em ocultar.

Considerações finais

As narrativas épicas e heroificadoras não são exclusivas dos historiadores inacianos. Encontramos os usos desses recursos em diferentes contextos historiográficos. A particularidade da escrita da história jesuítica, contudo, reside numa combinação desse estilo com a postura defensiva e celebrativa que os historiadores da Companhia de Jesus adotaram. A necessidade de defender a ordem dos ataques de seus poderosos inimigos e o culto do passado e da memória da ordem acabou por moldar uma escrita que se impôs entre os padres historiadores. Apesar das diferenças entre os historiadores, e das épocas distintas em que viveram, é perfeitamente verificável uma linhagem historiográfica, no que se refere ao estilo e às estratégias defensivas e celebrativas.

José María Blanco não inaugurou entre os jesuítas a narrativa épica, heroificadora e defensiva. Antes dele muitos outros padres historiadores empregaram os mesmo truques narrativos para exaltar os feitos dos missionários e as glórias da Companhia. O tricentenário da morte de Roque González, em 1928, e os esforços em prol de sua beatificação propiciaram ao padre Blanco uma atmosfera simbolicamente rica à heroificação do *mártir* que tombou em defesa da fé. A homenagem e a luta pela beatificação de Roque González era também uma homenagem e uma celebração ao passado da Companhia de Jesus, que se fortalece com a glorificação dos seus "heróis".

Essa forma de narrativa histórica se confunde com a trajetória da ordem e com a autoimagem que cultivou e pretendeu deixar como legado. Os propósitos da historiografia, cujos contornos fundamentais encontramos nas diretrizes estabelecidas por Cláudio Aquaviva, e o uso das mesmas fontes talvez expliquem o predomínio dessa narrativa. Essas características já estavam presentes nas cartas e relatos dos missionários dos séculos XVII e XVIII, principais documentos para os historiadores inacianos. As narrativas dos historiadores dos séculos XIX e XX guardam inúmeras semelhanças, quando não simplesmente repetem a forma e o conteúdo desses documentos. Os gestos extraordinários, a virtude incorruptível e a fé a toda prova de missionários sobre-humanos,

cercados de perigos e inimigos diabólicos, converteram-se nos fios de uma narrativa legendária que sacralizou o passado. Guiados pela providência e por um conjunto de regras infalíveis, os missionários descreveram seus próprios atos, suas façanhas e prodígios, e legaram aos seus companheiros do futuro os motivos, os temas e o fraseado de suas próprias hagiografias.

Referências Bibliográficas

ASTRAIN, P. Antonio. **Historia de la Compañia de Jesus em la asistencia de Espana**. Madrid: Rivadeneira, 1902-09.

BLANCO, José María. **Historia documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan Del Castillo de la Compañia de Jesús Mártires del Caaró e Yjuhí**. Buenos Aires: Sebastián de Amorrortu, 1929.

BOJORGE, Dante A. Alcântara. Las disposiciones historiográficas de Claudio Aquaviva: características e influencia en las crônicas novohispanicas de pricipios del siglo XVII. In: **XII Jornadas Internacionales sobre las Misiones Jesuíticas: Interacciones y Sentidos de la Conversión**. Buenos Aires: 23 al 26 de septiembre de 2008.

CERTEAU, Michel de. **El lugar del outro: historia religiosa y mística**. Buenos Aires: Katz Editores, 2007.

CARDOSO, Armando S.J. (Org.). **Cartas de Santo Inácio de Loyola**. Volume 3. Servir a Deus no meio do mundo. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

CHARLEVOIX, Pierre François-Xavier. **Historia del Paraguay**. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1910.

CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. **Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil – 1580-1620**. Bauru: Edusc, 2006.

GAY, Peter. **O estilo na história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LACAPRA, Dominick. **History and criticism**. Nova York: Ithaca, 1985.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: ROMANO, Ruggiero (org.). **Enciclopédia Einaudi**. Memória-história. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LUGON, Clovis. **A República comunista cristã dos guarani (1610-1768)**. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

PÉCORA, Alcir. Cartas à segunda escolástica. In: NOVAES, Adauto (Org.). **A outra margem do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

RABUSKE, Arthur S.J. Roque González de Santa Cruz, o missionário-mártir e a autenticidade da relíquia de seu coração. **Estudos Leopoldenses**. Ano XIII, Vol. 14, n. 47, 1978.

TECHO, Nicolás Del. **Historia de la provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús**. In: Biblioteca Virtual del Paraguay.. Disponível em www.bvp.org.py/biblio_htm/techo1/indice.htm

WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.